

## 10

GUERRA COM TESTEMUNHA: CARTAS DE  
OSMAN LINS A MURILO RUBIÃO<sup>1</sup>Marcus Vinicius de Freitas (UFMG/CNPq)<sup>2</sup>

Recebido em 31 jul 2019.  
Aprovado em 24 set 2020.

**Marcus Vinicius de Freitas** é professor titular de Teoria da Literatura e Literatura Comprada na Universidade Federal de Minas Gerais. Ensaísta e ficcionista, é autor, entre outros, de *Hartt: Expedições pelo Brasil Imperial, 1865-1878* (Metalivros, 2001); *Peixe Morto* (Autêntica, 2008) e *Contradições da Modernidade* (UNICAMP 2011).  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2205-0167>

**Resumo:** O trabalho apresenta e analisa um conjunto de cartas de Osman Lins dirigidas ao escritor mineiro Murilo Rubião, datadas entre 1965 e 1969, que integram o fundo documental Murilo Rubião no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG. O período das cartas coincide com a atividade de Murilo como criador e diretor do *Suplemento Literário de Minas Gerais* (de 1966 a 1969), e com a escrita de *Guerra sem testemunhas*, publicado em 1969, livro no qual Osman Lins tematiza e discute o ofício do escritor, tarefa também cara a Murilo Rubião, em especial na sua correspondência com escritores.

**Palavras-chave:** Osman Lins; Murilo Rubião; correspondência; ofício do escritor.

1 Título em inglês: “War Witness: Osman Lins Writes to Murilo Rubião”

2 Este trabalho integra o projeto de pesquisa “O Escritor e seu Ofício II: Acervo de Escritores Mineiros”, financiado pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

**Abstract:** This paper aims at analysing the set of letters from Osman Lins to Murilo Rubião, which belongs to Murilo Rubião Papers, collection housed by the Archive of Writers at Universidade Federal de Minas Gerais. Written between 1965 and 1969, such letters cover the period of time when Rubião created and directed the *Minas Gerais Literary Supplement*. By the same time, Osman Lins was writing *War Without Witnesses*, the book in which he explains and discusses the task of writer, a theme as well endeared to Rubião throughout his career.

**Keywords:** Osman Lins; Murilo Rubião; letters; task of writer.

O presente trabalho integra o projeto de pesquisa “O Escritor e seu Ofício II: Acervo de Escritores Mineiros”. Esse projeto vincula-se à linha de pesquisa “Literatura, História e Memória Cultural” do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e vem sendo desenvolvido junto ao Acervo de Escritores Mineiros (AEM), sob a guarda do Centro de Estudos Literários e Culturais da FALE/UFMG. Tem como meta principal a investigação das considerações sobre o ofício do escritor feitas por três escritores cujos fundos bibliográficos se integram ao Acervo de Escritores Mineiros, a saber: Murilo Rubião, Oswaldo França Júnior e Abgar Renault.

O Fundo Murilo Rubião, no Acervo de Escritores Mineiros, integra-se por mais de 9600 (nove mil e seiscentos) documentos, dos quais mais de 1000 (um mil) são cartas. O próprio Rubião, organizador compulsivo, dividiu a sua correspondência em séries e dossiês, sendo a série “Correspondência com escritores” a mais importante para os fins desta pesquisa.

Dentre as dezenas de missivistas que corresponderam com Murilo Rubião, encontra-se Osman Lins. A correspondência de Osman para Rubião no Acervo de Escritores Mineiros se integra por dezesseis cartas e três cartões, que cobrem o período de 14 de dezembro de 1965 a 10 de janeiro de 1970, o que coincide com o período de criação e de atuação de Rubião no *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Esse pequeno conjunto de missivas possui especial interesse em função do tema que une os dois escritores, qual seja, o da meditação constante sobre o próprio ofício de escrever, num processo de insistente reflexão metatextual.

A primeira carta enviada por Osman a Murilo, data de 14 de dezembro de 1965, a propósito da leitura, feita por ele e por Julieta de Godoy Ladeira, do livro *Os dragões e outros contos*, que acabara de sair naquele ano e que o autor pernambucano recebera por envio do próprio Murilo.<sup>3</sup> Na carta, Osman começa por qualificar o livro de Rubião como extraordinário, e por lamentar a edição precária, que pouca informação traz sobre o escritor mineiro ou sobre o ineditismo ou não dos contos ali reunidos. Essa observação de Osman expressa com certeza um desejo de se inteirar do desenvolvimento do ofício do escritor por parte de Rubião. No seguimento do texto, encontra-se a passagem mais importante da proposta de diálogo, que marcará a interação dos dois escritores:

Não sei o que pensa você de meus contos de Os Gestos. Quanto a mim considero-os remotos, muito comprometidos com o naturalismo. Você, ao contrário, não tem nenhum compromisso dessa

3 Ver em anexo o texto completo. O uso da correspondência de Osman para Rubião, para fins de pesquisa, foi autorizado pelos herdeiros de Osman Lins e pelo Acervo de Escritores Mineiros da UFMG. Agradeço em especial a Ângela e Litânia Lins, filhas do escritor.

espécie, nem com a veracidade psicológica, sua veracidade e sua realidade são de outra ordem. E esta é a minha orientação atual. Alcanço, só agora, um estágio que muitos escritores não atingem nunca e que lhe é familiar desde o Ex-Mágico.<sup>4</sup>

O tópico central, por óbvio, é o da representação da realidade na literatura. Se, por um lado, Osman reconhece que a fuga do naturalismo seria desde sempre familiar a Rubião, não há como negar que, no contexto da carta – o de uma ditadura em franco processo de aceleração da censura –, a guinada antinaturalista de Osman possui o caráter de inscrição das questões sociais no plano da forma ficcional. Ou seja, As preocupações sociais de Osman adquirem relevância formal na sua composição ficcional. Parece ser esta a dupla significação que se pode depreender dos parágrafos de abertura de *Guerra sem testemunhas (o Escritor, sua Condição e a Realidade Social)*, o livro metaficcional que Osman começava a escrever no momento mesmo em que iniciava sua correspondência com Rubião, e cuja escrita seguiria os passos do diálogo com o autor mineiro. Depois de abrir seu texto com a confissão de um bloqueio criativo – cujas barreiras são tanto internas e externas –, o narrador osmaniano busca em André Gide a inspiração para a seguinte observação:

Hoje, porém, se ainda estou incerto quanto ao processo a seguir em minha exposição – ou em minha procura? –, ocorre-me de súbito o ardil de confessar esta inatividade e referir ao mesmo tempo os fins da obra projetada. O que era obstáculo transforma-se em pretexto para agir; converte-se em literatura o que me

4 LINS, Osman (1965). *Carta a Murilo Rubião*, São Paulo, 14 de Dez. Acervo de Escritores Mineiros da UFMG.

impedia de escrever. Deste modo, sem o fazer deliberadamente, ilustro o postulado gideano segundo o qual o escritor, longe de evitar ou ignorar suas dificuldades, nelas deve apoiar-se.<sup>5</sup>

A procura, exposta na passagem, de uma forma que supere as dificuldades internas e externas de ação, é a mesma que motiva o diálogo de Osman com Rubião, e que o primeiro vê refletida no modo de representação da literatura fantástica de Murilo. Não por acaso, a carta de Osman com um “Seu Admirador, Osman Lins”.

Observações dessa natureza dão o tom do que será o assunto praticamente único da correspondência que segue de 1965 a 1970. Esse é um período fértil para ambos os autores. Em 1966, Osman publicaria *Nove, Novena*, cuja publicação já vem anunciada na mesma carta de dezembro de 1965. Em 1966, sai também *Um mundo estagnado*, ensaio sobre livros didáticos. Em 1967, saem as peças “Capa Verde e o Natal” e “Guerra do Cansa-Cavalo”. No entanto, a maior parte desse período é dedicada, como já antes mencionado, à gestação de *Guerra sem Testemunhas*, que sai publicado em 1969, texto no qual a metaficção dá a Osman a estrutura necessária para discutir, em ensaio, o seu pensamento como escritor. Não se trata, portanto, de acaso que os temas da composição literária, do lugar e do papel social do escritor sejam tema central de sua correspondência com Rubião. O próprio interesse de Osman pelo autor mineiro deve ser entendido no âmbito desses temas, uma vez que Murilo Rubião se caracteriza por ser um escritor perfeccionista, que reelaborou incessantemente, ao longo de toda a vida, suas três dezenas de

5 LINS, Osman (1969). *Guerra sem testemunhas: o Escritor, sua Condição e a Realidade Social*. São Paulo: Martins, p.11.

contos, num processo claramente indicativo de uma autocrítica rigorosa, e de uma atenção absoluta ao próprio *metiér*, o que com certeza chama a atenção do Osman debruçado sobre a arte de escrever.

Em carta datada de 5 de junho de 1968, Osman envia ao *Suplemento Literário de Minas Gerais* um artigo retirado de seu livro, e dá a saber a Rubião do término do manuscrito de *Guerra sem testemunhas*, reiterando o valor que a correspondência entre eles teve na fatura de suas reflexões:

Caríssimo Murilo Rubião,

Vai o artigo. Creio ser de interesse para os que escrevem ou querem escrever. Se não me comuniquei antes com você é que estava mergulhado numa batalha cerrada com o tempo, no sentido de entregar ao editor meu último livro, *Guerra sem testemunhas*, onde debato os nossos problemas. Afinal, ontem cumpri a tarefa. O manuscrito está com a Martins. Copiar o trabalho e enviá-lo a você é portanto a primeira coisa que faço, concluída a dura tarefa (o livro tem quase trezentas páginas).<sup>6</sup>

O diálogo, portanto, alimenta as reflexões de Osman Lins em torno do ofício do escritor. As metáforas usadas para descrever o livro não deixam dúvidas do empenho do escritor na matéria: “guerra”; “batalha cerrada”; “dura tarefa”.

Em carta datada de quinze dias depois, 20 de junho de 1968, Osman se alegra com o efeito, relatado por Murilo, causado nos leitores do *Suplemento* pela adaptação de trecho de *Guerra sem*

6 LINS, Osman (1968). *Carta a Murilo Rubião*, São Paulo, 5.Jun. Acervo de Escritores Mineiros da UFMG.

*testemunhas* por ele enviada anteriormente. Institui-se então, entre os dois, o acordo de que Osman mandaria outras passagens, Murilo pede capítulos, mas Osman prefere mandar passagens menores, adaptadas para não perderem a homogeneidade:

Não publicaremos, é certo, por capítulos. Escolherei cuidadosamente os trechos que não percam o sentido isoladamente, que possam ser lidos como uma unidade, pois os capítulos, na maioria, são muito extensos. Há alguns com quarenta páginas ou mais. Vou cuidar disso com brevidade, pois o livro deverá sair em começo de outubro, de modo que não há tempo a perder.<sup>7</sup>

As publicações, feitas portanto como sínteses e aperitivos do livro, enquanto o mesmo não saía do prelo, enfocam os elementos que Osman consideraria mais importantes em seu livro, e mais efetivos como reflexões sobre seu modo de composição.

Do ponto de vista de Murilo Rubião, os anos que vão de 1966 a 1969 são talvez os mais importantes de sua carreira pública como escritor, pois durante esse período ele cria e dirige o *Suplemento Literário* da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, órgão que marca época no país como veículo de vanguarda artística e cultural. Esses foram anos em que Rubião ampliou seus horizontes, contactou escritores, tradutores e intelectuais mundo afora. Osman Lins, naturalmente, tornou-se colaborador do *Suplemento*. Quando do lançamento de *Guerra sem testemunhas*, uma noite de autógrafos foi organizada em Belo Horizonte, na qual Osman muito se empenhou e que teve no grupo do *Suplemento* o seu esteio.

7 LINS, Osman (1968). *Carta a Murilo Rubião*, 20.Jun. Belo Horizonte, Acervo de Escritores Mineiros da UFMG.

Nesse sentido, a correspondência entre Osman e Rubião deve ser lida não apenas em diálogo com as obras ficcionais ou com o ensaio metaficcional de Osman, que o autor menciona insistentemente nas cartas, mas também com os ensaios que este publica no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, alguns deles derivados de capítulos do livro, ou, melhor dizendo, alguns deles constituindo reflexões depois incorporadas no resultado final. Osman enviou 16 contribuições ao SLMG, entre 1968 e 1974, sendo quinze ensaios e um conto-ensaio, intitulado “Homens e Máquinas”, e suas cartas a Murilo correspondem basicamente ao número de contribuições feitas ao Suplemento. Das dezesseis contribuições, sete são feitas em 1968; quatro em 1969; duas em 1971; uma em 1973; e duas em 1974. O ano de 1968, em que ele termina *Guerra sem testemunhas*, é o mais prolífico em contribuições e em cartas. Vários dos artigos daquele ano são recortes e adaptações de capítulos do livro, além de textos independentes.

Dentre aqueles artigos, gostaria de destacar, a título de exemplificação da continuidade entre carta, texto ficcional e ensaio, o texto intitulado “O leitor de ficção”. Nesse texto Osman provoca o leitor para compreender o conceito de verossimilhança interna da narrativa:

A verdade da ficção – que só é contestável em suas formas bastardas -, nasce com o livro; existe tão somente a partir do momento em que o livro existe. Nunca perguntamos, para aceitar ou valorizar um testemunho nas ruas, se este *realmente* aconteceu antes e nas circunstâncias propostas aos nossos sentidos. O acontecimento, autônomo, impõe-se e é aceito *sem passado*. Também são autônomos os do romance, não nos cabendo indagar sobre

suas matrizes. Só as palavras criam a veracidade romanesca e nada supre esta condição.

Não se suponha, em razão das últimas afirmativas, que a verdade erguida, num romance, pela força das palavras, nada tenha a ver com a experiência do autor. Jamais se dissocia o romancista, em seus livros, do vivido.<sup>8</sup>

A passagem funciona como verdadeiro elemento de sustentação da posição de Osman, defendida na correspondência com Rubião e em *Guerra sem testemunhas*, de uma literatura devidamente autônoma em relação à realidade que ela representa. No entanto, esse mesmo processo de representação não retira da literatura as suas relações com a vida vivida. É exatamente nessa ambiguidade de uma representação não-servil da realidade que está, para o autor, a grandeza da ficção.

Os ensaios de Osman Lins publicados ao longo do período do SLMG, enquanto síntese de *Guerra sem testemunhas*, atestam a densidade da reflexão que o autor empreendeu ao longo daqueles anos, à qual se associa a insistência de Murilo Rubião em uma literatura do que se poderia chamar de “realismo autônomo”, que medita sobre a realidade exatamente a partir de um distanciamento da mesma e de um mergulho consciente no mecanismo de representação, o que, de resto, caracteriza o gênero fantástico, tal como empreendido por Murilo.

Em resumo pode-se dizer que, a partir dessa diminuta correspondência, é possível traçar um painel não apenas do desenvolvimento do trabalho de cada um dos dois escritores

8 LINS, Osman (1968). O leitor de ficção. *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 3(100), 6, jul.

naquele momento, mas igualmente dos rumos que a literatura brasileira buscava, em face das condições sociais e políticas adversas. Com certeza, o trabalho de análise apenas estará completo com o cotejo entre as correspondências passiva e ativa dos dois missivistas, o que não invalida os argumentos aqui apresentados a partir da pena de Osman Lins.

A presente nota, nada exaustiva, tem apenas o intuito de dar a conhecer a existência dessa correspondência entre os dois escritores, e de convidar os estudiosos de Osman Lins a que se debrucem sobre ela, assim como que se debrucem sobre os demais fundos do Acervo de Escritores Mineiros, que se mantêm aberto a todos os pesquisadores do país e cujo trabalho, ao lado do de outros centros da mesma natureza, visa a dar bases documentais sólidas para a pesquisa em literatura brasileira.

S.Paulo, 14 de dezembro de 1965.

Prezado escritor Murilo Rubião:

Lemos, eu e minha mulher, que também é contista (Julista de Godoy Ladeira), seu livro. Dizendo melhor: seu extraordinário livro. É lamentável que o volume não traga informações sobre o autor nem sobre os contos: se foram antes reunidos em livro, se se trata de reedição, quais os contos inéditos. Isto dificulta o trabalho de quem tencione escrever sobre a obra. Lamentável também que seja quase uma edição local, precariamente distribuída. Trata-se de um livro do qual o público e com ele os escritores deveriam tomar conhecimento obrigatório.

Não sei o que pensa você de meus contos de Os Gestos. Quanto a mim, considero-os remotos, muito comprometidos com o naturalismo. Você, ao contrário, não tem nenhum compromisso dessa espécie, nem com a veracidade psicológica, sua veracidade e sua realidade são de outra ordem. E esta é a minha orientação atual. Alcanço, só agora, um estágio que muitos escritores não atingem nunca e que lhe é familiar desde O Ex-Mágico.

Eis alguns nomes para os quais deve mandar seu livro:

Ricardo Ramos - Rua dos Tamanás, 111 - São Paulo ;  
Massaud Moisés - Rua 13 de Maio, 1240, apt.121, S.Paulo;  
Rolando Morel Pinto - Rua Guaçu, 87 - Sumaré -S.Paulo,SP;  
Curt Meyer-Clason - 8919 Schondorf/Ammersee Haus 226, Alemanha Ocidental (está organizando uma antologia de contistas brasileiros).

Antes, porém, sendo o livro pouco divulgado, acho que você deveria publicar alguns contos no Suplemento de O Estado de S. Paulo, onde não me lembro de ter visto colaboração sua. Poderia mandar os contos datilografados para mim ou para o Décio de Almeida Prado, Suplemento Literário, Rua Major Quedinho, 28, S.Paulo. Digo "antes", porque o Suplemento, que paga Cr\$ 15 mil por conto publicado, exige ineditismo, ~~mas~~ se bem que não com extremo rigor. Mas se algum dos três escritores acima referidos escrever sobre seu livro, isto pode servir de obstáculo para a divulgação dos contos no Suplemento, que, como você sabe, é muito lido.

Meu livro chama-se NOVE, NOVENA e deve sair no primeiro semestre de 66, pela Martins. Aguarde-o. Seu admirador

## REFERÊNCIAS

ACERVO de Escritores Mineiros. Fundo Murilo Rubião. Série Correspondência com Escritores. Cartas de Osman Lins [5 documentos].

LINS, Osman (1968). "O leitor de ficção". *Suplemento Literário de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 3(100), 6, jul.

LINS, Osman (1969). *Guerra sem testemunhas*. São Paulo: Livraria Martins.